

Conexões luso-brasileiras

O minidossiê Olhares Cruzados: Brasil-Portugal apresenta ao leitor três artigos marcados por espacialidades que se entrecruzam, talhando diferenças. História e arte se interpenetram produzindo “modos de fazer” singulares. Fotografia, gastronomia e escrita da história evocam a arte de bem fazer.

Assim, no artigo de Annateresa Fabris, o foco se volta para o artista luso-brasileiro Fernando Lemos, que, por intermédio do ato de fotografar o “real”, colocou para o mundo das artes, notadamente em Portugal, um modo específico no qual procurou destacar “o real maravilhoso”, expressão tão cara ao surrealismo. Como diz a autora, “em relação ao panorama português, Lemos é, sem dúvida, uma figura *sui generis*, uma vez que não tinha praticamente interlocutores no momento em que começa a interessar-se pela fotografia. A fotorreportagem, a fotografia de propaganda e a estética divulgada pelos salões fotográficos eram os exemplos correntes no país”. Em Portugal, a experiência política do salazarismo não via com bons olhos manifestações artísticas que destoassem do receituário estabelecido pelo cânone do “ser moderno” de António Ferro, que já vinha sendo questionado, mas prevalecia como valor simbólico da cultura política autoritária do governo de António de Oliveira Salazar, servindo para dentro e para fora de Portugal. E Lemos, como argumenta Annateresa Fabris, na sua maneira de fazer fotografia agia no cotidiano, fugia da fotografia realista documental, opondo-se à estética modernista vigente em Portugal. Por sinal, o preço que pagou por essa insubordinação foi alto, vendo-se obrigado a transferir-se para o Brasil em 1953. Aqui, radicou-se em São Paulo, nacionalizou-se brasileiro e desenvolveu intensa atividade artística, sendo também professor da FAU/USP.

Seguindo no contexto do salazarismo, outro texto, de autoria de Elio Cantalicio Serpa, José Adilçom Campigoto e Ancelmo Schorner, expõe a relação entre Brasil e Portugal por meio de uma revista intitulada *Brasília*, cuja edição teve início em 1942, finalizando em 1968. Nesse artigo o periódico é examinado como suporte para a publicação de críticas ou resenhas acerca da produção intelectual brasileira. Tais críticas eram dirigidas à produção bibliográfica referente à história, à literatura, à educação, à economia, à língua etc. Nos textos inseridos nas edições dos primeiros anos de existência de *Brasília*, o estabelecimento de vínculos consistentes entre Brasil e Portugal era critério que adentrou na tessitura das críticas. A história é situada na “região das grandes certezas”, delimitada pela religião, pela nação, pela lei, pelo costume e pelo comprometimento. Nesse espaço assim constituído, as almas se encontram íntegras. Resulta, então, que a ciência, certeza ampla, possibilitaria a recomposição do passado, trazendo e evidenciando a “contribuição positiva” de Portugal para a edificação da nação brasileira como totalidade. No Brasil, enquanto isso, a intelectualidade investia em outras reflexões, criava novas “regionalidades” que extrapolavam a discussão das origens e do passado comum. Tratava-se de produzir obras que permitissem a “compreensão das nossas coisas e do nosso povo”, de pensar e definir o Brasil como um todo específico.

Pode-se conjecturar que há um contexto político comum aos artigos

que compõem este minidossiê. Abordam temáticas distintas, porém o nacionalismo e o autoritarismo estão presentes de um modo ou de outro, em todos eles. No texto de Isabel M. R. Mendes Drumond Braga, o nacionalismo espalha-se por diferentes escaninhos, inclusive para a mesa do cidadão, dos restaurantes, da hotelaria ao dar corpo a uma bibliografia sobre a gastronomia que, inicialmente, é dietética, mudando, depois, para uma gastronomia orientada para o turismo. Dessa forma, associam-se nacionalismo, autoritarismo, regionalismo e turismo, buscando conferir visibilidade àquilo que se considera ser uma “gastronomia genuinamente portuguesa”. Fica claro que em um universo marcado pela diferença aflora o regionalismo, mas tudo converge para evidenciar que da diferença emerge a “unidade” da nação portuguesa fixando uma memória impregnada de sabores, cheiros e cores que levam os turistas a reconhecer a procedência da comida, alimentando sentimentos que remetem o consumidor ao país de origem.

Elio Cantalicio Serpa
Organizador do minidossiê